

O Artista pelo Artista na Voz do Próprio

Francisco Cardoso Lima

DeCA | UA | FCT | PT

*entrevistas disponível para download (formato PDF) em
http://franciscocardosolima.com/download/o_artista_pelo_artista-mafalda_santos.pdf*

*documento publicado com o consentimento expresso da respectiva artista,
depois de revisto e validado pela própria*

Entrevista a Mafalda Santos realizada no Porto em 29 de Outubro de 2010 por Francisco Cardoso Lima (no âmbito do Doutoramento em Estudos de Arte da Universidade de Aveiro - com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

FCL: Tenho constatado que a generalidade dos artistas têm uma boa presença na 'internet'. Também o teu 'site' está bem documentado e organizado.

MS: Foram os 'Bolos Quentes' que fizeram todo esse trabalho. Um bom trabalho. Pedi-lhes um 'site' que funcionasse como um arquivo, e que me ajudasse a ter tudo organizado, compartimentado. Vai ainda existir uma versão em inglês e estamos também a trabalhar para implementar a possibilidade de descarregar PDFs para posterior impressão.

FCL: Funcionou bem e não senti necessidade de sair do teu site para encontrar mais documentação. Foi muito fácil e simples. Espero não ter perdido informações interessantes por não ter procurado fora do teu site.

Encontrei no teu trabalho mapas e diagramas, com uma grande valorização e complexidade gráfica.

Encontrei também muito desenho, encontrei o desenho muito presente. E muito processo.

Percebi interesses à volta das redes, das comunicações, dos territórios, das cartografias etc...

Gostava, contudo, de iniciar esta conversa pelos motivos que te fizeram escolher a prática artística. O que te levou até às belas artes? Existem artistas na tua família, cresceste/conviveste num meio artístico?

MS: O interesse pelo desenho foi algo que se começou a manifestar bastante cedo. Nunca fui muito virtuosa, nunca tive capacidades extraordinárias. Era uma tendência natural que nunca questionei. Sempre segui pela via artística sem grandes dúvidas. Os meus pais também me incentivaram bastante. Perceberam que era essa a minha direcção e sempre me apoiaram imenso. Isso foi importante.

FCL: Artes na família não...

MS: Não. Tudo economistas...

FCL: E nas belas-artes, já na Faculdade de Belas-Artes da Universidade Porto... Criaste algum grupo por afinidades, algum núcleo de colegas mais próximo de ti com os quais partilhas-te interesses, esforços, etc...

MS: Principalmente conjugação de vontades e energias. Existia uma vontade comum: vontade de fazer, de experimentar...

FCL: Isso aconteceu também contigo?

MS: Sim, felizmente.

FCL: Foste tu que procuraste os teus colegas, foram eles que te procuraram, encontraram-se simplesmente?

MS: Acredito que os encontros acontecem porque as pessoas os procuram. Quem não procura não encontra.

Foi um período muito bom. Esses encontros foram muito importantes para mim e para o meu desenvolvimento, não só enquanto artista, mas também como pessoa. Foi um período em que havia na faculdade um cruzamento saudável. Pessoas de diferentes cursos e de diferentes anos davam-se e faziam acontecer coisas em conjunto, algo que me parece que já não acontece. Essa ligação que existiu foi muito importante.

FCL: Também no meu caso, a Escola de Belas Artes valeu muito pelos colegas e pelas experiências que vivi e partilhei com eles.

MS: Mais do que o programa curricular, propriamente dito.

FCL: Aquilo que a universidade proporciona extra-curricularmente é relevante.

Estiveste envolvida no grupo “Interdisciplinaridades”

MS: Sim. Esse projecto foi iniciado pelo Manuel Santos Maio e pela Liliana Coutinho.

Quando eu me envolvi nesse grupo eles estavam já a acabar os seus cursos e, no fundo, passaram a pasta a um conjunto de alunos mais novos para continuarem. Durante um ano ainda trabalhamos em conjunto.

Foi um bom projecto que nos ajudou a desenvolver capacidades de organização. Serviu de semente para aquilo que veio a ser os “PÊSSEGOpráSEMANA”, um espaço que abri posteriormente com o André Sousa e o Miguel Carneiro. Partilhávamos na altura atelier num velho edifício perto da Lapa que progressivamente começamos a abrir ao público com diferentes eventos e exposições.

FCL: Pela tua experiência, parece-te que os artistas privilegiam a relação entre pares? Tu tens essa necessidade?

MS: Sim tenho essa necessidade. Obviamente não posso falar por todos mas julgo que é uma relação muito importante. Há artistas que preferem um certo isolamento, mas no fundo todos procuramos os nossos interlocutores.

FCL: Os outros artistas são os nossos interlocutores?

MS: Não só mas também. Da minha experiência nos primeiros anos no Porto sentia-se muito a necessidade dos artistas se encontrarem para fomentarem uma dinâmica de troca e conquistarem um conjunto de possibilidades que não nos eram oferecidas.

FCL: Nas ciências, o conhecimento é validado e legitimado pelos pares, pelos colegas. Como te referiste anteriormente, faz sentido os artistas procurarem os seus pares para que sejam eles, outros artistas, a legitimar os seus colegas. Faz sentido pensar nessa possibilidade?

MS: Sim, acredito nisso. Creio que será a primeira instância de legitimação de um artista, antes da sua institucionalização ou legitimação por parte da crítica, comissários e finalmente do mercado.

FCL: Porque é que os artistas não são convocados a acrescentar a sua palavra sobre os seus colegas. Parece-te que aquilo que os artistas pensam sobre os seus colegas é valorizado pela esfera artística? A voz do artista é considerada no mundo da arte?

MS: Sim, creio que a voz do artista é considerada. Por vezes, não de uma forma directa, mas o apoio mútuo, a presença, a convocação, o diálogo entre colegas permite aos artistas conquistarem o seu lugar.

FCL: Essa é uma das estratégias que os artistas têm para legitimar os seus colegas.

MS: Sim. Através de projectos independentes procuramos aqueles artistas com quem nos identificamos. As coisas vão sendo feitas e acabam por ter a sua força.

FCL: Tu tens feito isso, assim como, por exemplo, o Manuel Santos Maia. Vocês têm anadado a legitimar (na melhor acepção que a palavra pode ter) os artistas em quem acreditam, apresentando e divulgando o seus trabalhos.

MS: Claro que sim. Acho que é um trabalho necessário.

FCL: Parece interessante porque estão a redefinir lugares, estão a redefinir o papel do artista.

MS: O papel do artista e da sua responsabilidade enquanto tal.

FCL: Tu sentes necessidade de ser reconhecida pelos teus colegas, por outros artistas?

MS: Sim, claro e julgo que toda a gente tem essa necessidade.

FCL: Seres reconhecida por um galerista de arte ou seres reconhecida por um artista, são coisas distintas? E sendo distintas, quais as diferenças? E qual aquela que mais valorizas?

MS: Sim, é obvio que se tratam de coisas diferentes. O galerista tem sempre uma perspectiva mais comercial do trabalho. O diálogo que se estabelece com um galerista é bastante distinto daquele que se estabelece com outro artista, existe uma relação mais profissional.

FCL: E qual a importância do reconhecimento?

MS: O artista não trabalha primordialmente para obter esse reconhecimento. Naturalmente que ele é importante. Amplia o seu campo de actuação e visibilidade do seu trabalho.

FCL: Concordas que o “PêSSEGOpráSEMANA”, criou uma dinâmica artística que acabou por retirar espaço às galerias? Espaço que estava vago...

MS: Não concordo. O “PêSSEGOpráSEMANA”, cumpria uma função diferente daquela que as galerias comerciais cumprem. E a sua intenção nunca foi a de retirar nada. Pelo contrário, queríamos criar mais espaço, criar mais condições para que as coisas pudessem ser feitas. Nunca foi anti-sistema ou anti-instituição. Aquilo que foi feito foi principalmente a favor de haver mais possibilidades de actuação e de emergência de novos artistas, que não tinham lugar ou que não se queriam cingir àqueles que existiam.

FCL: Havia coisas que não estavam a ser feitas pelas galerias. Nesse sentido, existia um campo vago, uma porta aberta pelas próprias galerias para que alguém entrasse e preenchesse esse espaço...

MS: Sim, por um lado, um artista que apenas exponha numa galeria, poderá fazer uma ou duas exposições (no máximo) a cada dois anos. Por outro lado, um espaço como o “PÊSSEGO-práSEMANA”, apresenta outras possibilidades de experimentação e também um público diferente.

FCL: Também no meu caso, durante o meu percurso universitário, senti que faltava uma outra dinâmica artística. Esse outro dinamismo só apareceu mais tarde, quando tu, como outros, começaram a abrir um conjunto de diferentes espaços: os “artist-run spaces”. Em Portugal, e particularmente na cidade do Porto, não existiam estes espaços que funcionam com metodologias e dinâmicas diferentes daquelas utilizadas pelas estruturas quer das galerias, quer dos museus. Percebe-se que havia um espaço vago que vocês preencheram.

MS: Havia espaço e continua a haver.

FCL: Ao conquistar este espaço estavam também a criar um outro papel para o artista. Existiu essa intenção de repensar o papel do artista na esfera artística?

MS: Não era esse o intuito. Isso não aconteceu de uma forma consciente. Mas creio ser cada vez mais importante os artistas assumirem a tarefa de criarem as condições necessárias para produzirem e apresentarem o seu trabalho. E dessa forma fazerem ouvir a sua voz.

FCL: E isso parece-me ser reposicionar o artista num lugar e com um papel diferente...

MS: Sim, acaba por ser, mas quando o fizemos não foi com esse objectivo claramente definido.

FCL: À posteriori, olho, por exemplo, para o “Salão Olímpico” e percebo que existiu um caminho que foi desbravado, que foi percorrido numa direcção, teve consequências, deixou lastro e apontou novas hipóteses...

MS: Sim acho que foi um projecto “consequente”. Após o encerramento do Olímpico, os artistas envolvidos no projecto seguiram caminhos diferentes mas creio que foi importante na definição e consolidação dos seus percursos.

--- --- ---

FCL: Divido os operadores da esfera artística entre os lugares e as pessoas: museus, feiras, bienais, fundações, leiloeiras, galerias, espaços alternativos, agências de arte, escolas, ateliers, etc... E historiadores, críticos de arte, comissários, galeristas, dealers, jornalistas, colecionadores, público, etc...

O artista está dentro desta esfera. Esta esfera parece-me ser, também, o seu meio.

Achas que existe alguma tensão entre o artista e os outros ‘players’ da esfera artística, ou parece-te que o artista está num lugar e cumpre um papel que lhe é confortável?

MS: Tensão existe sempre. E espero que os artistas nunca se sintam confortáveis. Esse inconformismo pode ser também um catalisador para o seu próprio trabalho e acaba por ser uma das suas funções. Contudo, parece-me que os artistas deviam ser mais reivindicativos e mais responsáveis não se cingindo apenas ao lugar que lhes é definido pelos outros.

FCL: Deviam repensar o seu lugar e o seu papel? Deviam, eventualmente, avançar com outras propostas?

MS: Sim, sim. Hoje em dia e cada vez mais esses agentes assumem um maior protagonismo. O artista é colocado num lugar secundário. Muitas vezes o artista é utilizado como uma peça num jogo bem maior, jogo esse que apenas alimenta o discurso e o poder dos outros.

FCL: Achas que o comissário usa o artista como meio para criar as suas exposições?

MS: Sim, muitas vezes sim. Depende do tipo de abordagem que o comissário tiver e do trabalho que faz junto do artista, na articulação das ideias e estratégias que adoptar. No entanto, é frequente, principalmente em exposições colectivas, o trabalho vir apenas ilustrar o discurso e conceitos apresentados pelo comissário.

FCL: Ou perguntando de outra forma: Os comissários respeitam o artista e o seu trabalho?

MS: De um modo geral, sim. Contudo parece-me que em alguns casos não há essa articulação ou um real diálogo com o artista. Acho também que os artistas têm que começar a ser mais exigentes com os comissários. Já senti, em diversas exposições colectivas onde participei, quando posteriormente leio o material anexo, que o trabalho feito não corresponde aos objectivos e aos conteúdos propostos pelo comissário. O que também é da minha responsabilidade.

No entanto, já tive muito boas experiências em exposições comissariadas, em que trabalhar junto do comissário foi realmente enriquecedor.

FCL: E quando os críticos de arte reflectem sobre um artista?

MS: Nesses caso parece-me que essa desadequação acontece menos, porque, geralmente, há um contacto directo, uma conversa, um trabalho mais aprofundado de reflexão e contextualização da obra.

FCL: Por vezes não tens ideia que os críticos de arte escrevem para os outros críticos de arte?

MS: Isso também acontece. Por vezes acontece que aquilo que se lê nas entrelinhas está mais relacionado com a sua própria agenda do que com o trabalho sobre o qual estão a versar.

FCL: Também me parece. E julgo também que acontece pouca crítica...

MS: Sim, principalmente isso. Há mais jornalismo cultural do que crítica de arte.

--- --- ---

FCL: Passando para a questão do discurso do artista: Quando pedem ao artista para se expressar sobre o seu trabalho por vezes parece-me que aquilo que ele faz é criar um discurso aproximado ao discurso do crítico de arte e que não coincide necessariamente com o seu próprio discurso.

Acredito também que em alguns casos o discurso do artista pode ser semelhante ao discurso do crítico de arte, mas, arrisco eu, na maior parte dos casos não o será.

E acredito que isto acontece porque lhe parece, ao artista, que o discurso que os outros preferem ouvir é o discurso do crítico de arte. Por isso mesmo escondem o seu discurso, com os seus nexos, com os seus valores, eventualmente incongruente, errático mas, fundamentalmente, particular. E por esconder o seu discurso, não o praticam, e por não o praticarem não o afirmam... Concordas com esta ideia?

MS: De alguma forma concordo. Parece-me que os artistas sentem essa pressão. Sentem a necessidade de apresentar um discurso sólido, fundamentado que não corra o risco de ser mal interpretado e que ao mesmo tempo o credibilize e legitime o seu trabalho.

FCL: Parece-te que há alguma falta de trabalho do próprio artista para criar, ele próprio um discurso particular sobre a sua obra? Acreditas que o artista prefere encostar-se a um discurso que outros criam sobre a sua obra para não ter, ele próprio, que o construir. Ou ainda, achas que nem sequer cabe ao artista ter um discurso sobre a sua obra?

MS: Acho que cabe ao artista desenvolver o seu próprio discurso, que não é feito apenas verbalmente... Não acho que seja por falta de trabalho que se “encoste” ao discurso dos outros. Um texto crítico estrutura-se de forma diferente, pode tomar a obra como ponto de partida para muitas outras reflexões de ordem conceptual e filosófica, que em nada reduzem o papel ou o discurso do artista, apenas o ampliam.

FCL: O objecto artístico tem a sua natureza, as suas particularidades e veicula um tipo de discurso. Para lá do objecto artístico o artista necessita de outros veículos, outros mecanismos para veicular o seu discurso? E existem esses outros veículos?

MS: Sim. Há artistas que escrevem muito e que exploram diferentes meios de veicular o seu discurso, através de publicações e mesmo blogues na internet.

FCL: Os títulos dos trabalhos são já uma pequena possibilidade no campo de um discurso logocêntrico, centrado na palavra, assim como, e da mesma forma, os títulos das exposições. E tu introduzes nos teus trabalhos esse discurso assente na palavra.

Sentes uma necessidade de dizer qualquer coisa a par do objecto artístico? Tens a necessidade de criar um outro discurso, mais ou menos próximo da obra de arte, como por exemplo os manifestos artísticos enquanto um discurso artístico fora do quadro...

MS: Normalmente não sinto essa necessidade, mas existem documentos de carácter processual que ficam por apresentar. Os materiais de apoio, a forma como são usados, catalogados, que podem acrescentar muito aos trabalhos.

FCL: Em parte, os livros de artista têm cumprido esse papel...

MS: O livro de artista é algo em que quero trabalhar. Sinto alguma necessidade de apresentar os vários materiais de apoio, as coisas que, no fundo, estão na base das minhas obras. Gostava de os organizar no formato de livro de artista... Ou estante de artista, não sei...

FCL: Essa necessidade vem no sentido de te parecer que há mais qualquer coisa a ser dita que não coube na obra?

MS: Sim, e que reforça a riqueza da obra.

FCL: Parece-te que esse tipo de discurso expande a obra. A obra fora da moldura, o objecto maior que a sua forma. E será o discurso do artista, também ele, essa ferramenta, essa expansão do objecto?

MS: Sim, claro.

FCL: E esse discurso é veiculado. É escutado?

MS: Não me parece que seja muito veiculado...

FCL: Sinto que na generalidade dos casos o artista esconde esse seu discurso que pode expandir a sua obra.

MS: Acredito que por vezes o artista não o apresenta por sentir que, em vez de expandir, pode estar a reduzir...

FCL: Medo, Medo de ser mal interpretado?

MS: Talvez medo de circunscrever a obra a essa sua interpretação (que ainda por cima é algo em constante mutação), não permitindo que o seu trabalho seja analisado de outras formas, de formas diversas... Mas, na realidade, o artista não tem muito a prática do uso da palavra e do texto.

FCL: E parece-te que existe essa vontade?

MS: Muitos artistas dizem o que têm a dizer através das suas obras.

A escrita é para mim uma coisa dolorosa.

FCL: É dura...

MS: Pode ser essa a razão que me leva a não fazer tanto esse exercício. É-me bastante... nem diria difícil... É doloroso.

FCL: O processo de materialização das nossas ideias, por exemplo num texto, também ele é enriquecedor...

MS: Sim, na verbalização.

FCL: Várias vezes vou ter com colegas, ou chamo-os ao meu atelier, justamente para falar com eles. O processo de passar para a palavra é uma experiência, é um exercício enriquecedor, clarificador. Só não passo para texto porque... tenho travões, inibições, medos... que não ajudam...

MS: Exactamente. Eu também sinto isso mesmo. É quase traumático...

FCL: Também por isso esta minha necessidade de vir ao encontro dos meus colegas e partilhar estas questões e ouvir os meus pares.

Parece-me que já existem diversas formas de expressar um discurso fora do objecto artístico (correndo o risco de também isso ser objecto artístico): a música, os manifestos, os livros de artista, os textos, o próprio acto de comissariar exposições, etc...

MS: Estive nos Estados Unidos da América e os americanos, neste aspecto, são completamente diferentes. Funcionam ao contrário. São muito pragmáticos, informais até.

Nós por cá também sofremos de excessiva formalidade. Queremos as coisas fechadas, completas, o que nos pode levar a bloqueios difíceis de ultrapassar.

Nos americanos parece não haver pudores. Falam abertamente do que fazem e do que pensam. Materializam os seus projectos de forma natural. Desbloqueiam e acabam por dar mais passos, acabam por ir mais longe.

FCL: Seremos muito burocráticos?

MS: Acho que sim.

FCL: Pouco intuitivos, muito racionais?

MS: Formais mesmo. Acho que é isso.

FCL: Entrevistei há pouco tempo um colega nosso que também esteve nos Estados Unidos da América. Disse-me que levou algum tempo até conseguir dizer que era artista, abertamente e com toda a naturalidade e sem que isso arrastasse para o próprio algum... alguma constangimento...

MS: As pessoas lá iniciam uma conversa com um estranho muito facilmente. “Fala-me sobre o teu trabalho” é uma pergunta frequente. Muitas vezes proporciona conversas interessantes. Por cá, tudo parece bloqueado. Parecem existir pudores em falar sobre o próprio trabalho, em ser afirmativo.

FCL: Consegues assinalar o que é particular no discurso de um artista. O que pode caracterizar um discurso de artista, diferente dos discursos dos outros ‘players’?

MS: Parece-me difícil de definir. Não me parece possível...

FCL: Também acho difícil. Ainda assim vou encontrando um fio condutor...

MS: Qual?

FCL: Parece-me que os artistas se referem menos aos objectos. Preferem os processos. E julgo também que falam bastante deles próprios, do seu dia-a-dia, da sua rotina, da sua vida. Os seus problemas e as suas necessidades.

Quando o artista fala sobre o seu trabalho artístico, parece-me que fala muito mais de si próprio do que das suas obras.

Naturalmente não há uma regra, mas vou encontrando elementos que condimentam os discursos do artista de uma forma mais ou menos transversal... e distinta daquilo que encontro nos discursos de um historiador, ou diferente dos discursos dos críticos de arte.

O artista parece expor-se a ele próprio.

MS: E as suas próprias motivações...

FCL: E preocupa-se menos com coerências, com congruências, com nexos, correndo o risco de ser considerado um bizarro. Quem sabe, e por isso mesmo, pelo medo de ser incongruente ou contraditório, não diz, quando essa particularidade parece ser também uma virtude.

MS: Sim, acho que sim. E ouvir vozes discordantes (ou dissonantes) é importante...

FCL: O fracasso, o acidente, a falha, a crise... entra no teu processo de trabalho? Até que ponto estas ideias são importantes para o teu trabalho?

MS: Têm uma importância estrutural.

--- --- ---

FCL: Qual o processo que utilizas para chegares aos teus objectos?

MS: No meu trabalho, qualquer inclusão implica uma exclusão. Qualquer inscrição implica uma falha. Noutros casos é o desvio que define a forma.

FCL: Atribuis muita importância ao desvio, à deriva...

MS: Sim. Gosto de trabalhar a partir de uma estrutura, de uma regra pre-estabelecida que durante o processo se flexibiliza ao desvio e à deriva.

FCL: Também à intuição ou consideras-te muito racional?

MS: Atribuo importância tanto à intuição como à racionalidade.

FCL: E como balanças isso?

MS: Mal. Sou muito intuitiva quando avanço para as ideias. Posteriormente racionalizo muito. Esse processo acontece com muita tensão...

FCL: Obsessivo?

MS: Um pouco

FCL; Os teus trabalhos sugerem essa obsessão.

MS: Sim. Mas a determinada altura deixo-me ir....

FCL: E a questão poética? De facto, no teu trabalho percebe-se muita razão, muita ordem. As metáforas que utilizas com o 'layout' do computador reforçam essa grande ordem. Mas, parece-me, simultaneamente criam espaço poético, um espaço de subjectividade...

Privilegias esse espaço poético, ou segues uma linha iminente racional?

MS: Não, não sigo uma linha puramente racional. Trabalho a partir de uma estrutura mas as escolhas que faço durante o processo são subjectivas. A forma como organizo e selecciono a informação com que vou trabalhar parte de uma estratégia e motivações pessoais.

FCL: Obras predominantemente racionais fazem sentido?

MS: Embora ache que não existe nada puramente racional, sim, faz todo o sentido existirem obras puramente racionais embora corram o risco de se tornarem estéreis.

FCL: Secas...

MS: Também válidos, esses trabalhos não me agradam tanto.

FCL: Como encaras o atelier? Como defines o atelier do artista?

MS: Tenho para mim o atelier como uma base. Muitas vezes o meu trabalho é efectivamente realizado no próprio local da exposição.

FCL: O teu atelier ultrapassa as paredes deste espaço...

MS: Sim

FCL: E o que é essencial teres nesse teu atelier que ultrapassa estas 4 paredes?

MS: A especificidade do lugar é muito importante. Os ritmos, a forma como é habitado, as pessoas que lá estão ou não, o caminho que percorro para lá chegar, as rotinas que estabeleço com ele, tudo... Esse contacto com a vida do lugar agrada-me imenso.

FCL: Levas a experiência pessoal para dentro do atelier?

MS: Sim, sim...

FCL: Como uma consciência de ti própria...

MS: Não, não é tanto sobre mim própria. É antes a minha relação com o mundo. A propósito da plasticidade e da racionalidade: crio nos meus trabalhos uma estrutura racional sobre a qual existe um lado orgânico. E essa é também a forma de me relacionar com o mundo, os meus trabalhos reflectem esse confronto.

FCL: No teu trabalho reages àquilo que te é exterior ou procuras trabalhar sobre ti própria? Neste sentido, preferes a relação moral com o exterior ou preferes aquilo que eu chamo de amoralidade...

MS: Gosto desse desafio, da relação com o exterior.

FCL: A forma como ‘conectas’ umas coisas e ‘desconectas’ outras, com os indivíduos e as relações entre eles pelo meio, cria leituras de forte carácter social... e por aí, eventualmente, político...

És filiada em algum partido político, és militante?

MS: Não, tenho apenas as minhas preferências, mais nada... Nem considero o meu trabalho declaradamente político.

--- --- ---

FCL: Para finalizar: Esta conversa que tivemos, pareceu-te diferente de outras conversas que com certeza já tiveste com outros ‘players’ da esfera artística? Ou não?

MS: Esta conversa foi claramente diferente. Também porque me parece que procuras luzes para as tuas próprias questões...

FCL: Esta pergunta serve para reflectir sobre as conversas/entrevistas, elas próprias. Poderá ser este registo, esta abordagem, estes interesses, um registo diferente daquele que é tido com, por exemplo um galerista, um crítico de arte? Houve aqui preocupações que possam individualizar este registo enquanto um registo entre pares?

MS: Sem dúvida, Acho que foi um registo diferente. Lidou com questões que nos são caras: as nossas motivações, a nossa relação com os outros agentes, com o nosso próprio trabalho, com as nossas limitações, com os nossos medos. Esta conversa com um galerista, nunca...